



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Planejamento
e Gestão

IPECE Informe

Nº 136 – Outubro/2018

Fatores de risco à saúde em Jovens: O consumo de Cigarro, Álcool e Drogas Ilícitas para Fortaleza, Nordeste e Brasil.

Governador do Estado do Ceará

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora do Estado do Ceará

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

Antônio Sérgio Montenegro Cavalcante – Secretário adjunto

Júlio Cavalcante Neto – Secretário executivo

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE**Diretor Geral**

Flávio Ataliba Flexa Daltró Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

João Mário de França

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP

Cláudio André Gondim Nogueira

Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Marília Rodrigues Firmiano

IPECE Informe – Nº 136 – Outubro/2018**DIRETORIA RESPONSÁVEL:**

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Elaboração:

Victor Hugo de Oliveira (Analista de Políticas Públicas – DISOC)

Rayén Heredia Peñaloza (Técnica – DISOC)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) -
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -
Cambeba | Cep: 60.822-325 |
Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521
<http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Informe

A Série **IPECE Informe**, disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), visa divulgar análises técnicas sobre temas relevantes de forma objetiva. Com esse documento, o Instituto busca promover debates sobre assuntos de interesse da sociedade, de um modo geral, abrindo espaço para realização de futuros estudos.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE 2018

IPECE informe / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: Ipece, 2018

ISSN: 2594-8717

1. Economia Brasileira. 2. Economia Cearense. 3. Aspectos Econômicos. 4. Aspectos Sociais. 5. Aspectos Geográficos. 6. Mercado de Trabalho. 7. Finanças Públicas. 8. Gestão Pública.

Nesta Edição

Este informe buscou estabelecer e avaliar um panorama geral sobre alguns fatores de risco à saúde dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, dentre os quais se encontram o consumo de cigarro, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas. Para tanto, realizou-se um comparativo entre os anos 2009, 2012 e 2015 utilizando os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), sendo esta realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação.

Para o ano de 2015, em Fortaleza, observou-se que a proporção de estudantes que já experimentaram o cigarro foi de 20%, enquanto a proporção daqueles que experimentaram bebidas alcoólicas chegou a 48,70%. Quanto à experiência com drogas ilícitas, a proporção atingiu 9,8%. Todavia, a experiência com drogas ilícitas atingiu 12,6% em 2015, três vezes superior ao percentual registrado em 2009.

Tais estatísticas evidenciam a necessidade de políticas públicas preventivas nas escolas no intuito de frear os hábitos de risco para a saúde, aos quais os jovens estão cada vez mais expostos. Uma política pública bem estruturada com foco na prevenção aos hábitos de risco podem também gerar outros benefícios como melhoria da aprendizagem escolar e menor envolvimento com a delinquência juvenil.

1. Introdução

A adolescência é a fase de desenvolvimento que representa a transição da infância para a vida adulta. Marcada por diversas pressões e desafios em seu dia a dia que incluem expectativas para seu futuro profissional e acadêmico, mudanças em suas relações em seu meio social (entre sua família e seus pares) e suas mudanças físicas e emocionais associadas ao processo de amadurecimento (INCHLEY, CURRIE, 2014).

Estes anos marcam também um período de aumento da autonomia destes jovens que, somada a outras características comportamentais típicas desta fase, como o aumento da curiosidade, a dificuldade de controlar reações impulsivas e a busca por descargas de adrenalina, podem tomar decisões ou adquirir determinados hábitos que, possivelmente, causarão impacto profundo em suas condições de saúde e bem-estar. Além disto, tais comportamentos adquiridos durante esta fase, principalmente aqueles considerados de risco à saúde (como o tabagismo, o consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas), possuem grandes chances de serem perpetuados na vida adulta (INCHLEY, CURRIE, 2014; GRUBER, 2000).

O hábito do tabagismo está associado a diversas implicações na vida de um adolescente. Principalmente quando este hábito se transforma em um vício, impactando diretamente na saúde deste através de doenças crônicas não transmissíveis tais como doenças cardiovasculares, doenças associadas ao aparelho respiratório e o câncer de pulmão (MALTA et al., 2010). Mais ainda, adolescentes que desenvolvem este hábito estão ainda mais propensos a iniciar um consumo de álcool ou drogas ilícitas onde estes podem desencadear uma série de problemas comportamentais como comportamentos de natureza violenta, delinquência, baixo desempenho acadêmico e até mesmo gravidez na adolescência (ELLICKSON et al., 2001). Quanto a seu impacto econômico, um estudo realizado no Brasil mostra que tabagismo, em termos de mortalidade, custou ao Governo brasileiro aproximadamente R\$ 20,68 bilhões em 2011 (cerca de 0,5% do Produto Interno Bruto – PIB) (LAMPREIA et al., 2015).

Considerado uma substância psicoativa que pode levar à dependência, o álcool é apontado como um dos maiores responsáveis por mortes relacionadas a acidentes de trânsito, causas violentas ou até mesmo suicídio. Além disto, é identificado como uma das causas de mais de 200 condições de saúde de acordo com o Código Internacional de Doenças (CID-10). A nível mundial, estima-se que, em 2012, o álcool tenha sido a causa de aproximadamente 3,3 milhões de mortes (5,9% de todas as mortes no mundo). No Brasil, as perdas decorrente do consumo de álcool chega a 7,5% do PIB (OMS, 2014).¹

¹ Dentre outros prejuízos para a economia, incluem-se os gastos do Sistema Único de Saúde (SUS) com o tratamento de doenças associadas ao uso de álcool e às perdas da capacidade de trabalho em decorrência de acidentes de trânsito provocados por motoristas bêbados, desemprego e afastamento do trabalho custeado pela Previdência Social.

O consumo frequente de drogas ilícitas pode desencadear no jovem uma série de transtornos mentais e comportamentais, bem como uma propensão maior a comportamentos violentos, evasão escolar e tendência à delinquência (principalmente quando este se encontra em situação de abstinência do entorpecente), ataques de ansiedade e depressão. Já como consequências para a sociedade, os casos de mortalidade se dão de maneira mais indireta, pois estes, além de casos de overdose, estão mais relacionados à guerra do tráfico que o mercado de drogas ilícitas movimentada no Brasil. Assim, as mortes podem ocorrer por disputa entre pontos de venda ou uso, dívidas com traficantes e enfrentamentos com a polícia (KESSLER e PECHANESKY, 2008).

Finalmente, analisando a um nível macroeconômico, estes fatores de risco representam uma grande barreira para a saúde pública, uma vez que trazem grandes custos para toda uma sociedade com perda da produção por mortes e morbidades e custos com assistência de saúde pública. Assim, evidencia-se ainda mais a importância do estudo e monitoramento de comportamentos de risco à saúde em adolescentes a fim de orientar e auxiliar formuladores de políticas públicas que visem prevenir e redimir tais impactos profundos, não apenas para o indivíduo em si, como também para toda a sociedade.

1.1. Base de Dados e Amostra

Para a construção deste informe foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar- PeNSE cuja elaboração é feita pelo IBGE com convênio do Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação. Baseada na pesquisa *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC) realizada pela OMS nos estudantes de 48 países da Europa e América do Norte, a PeNSE foi uma pesquisa construída com o objetivo de monitorar os fatores de risco e proteção à saúde do adolescente dentro das escolas públicas e privadas do Brasil.

Em suas três versões de 2009, 2012 e 2015, utiliza o critério de seleção baseado no cadastro de escolas do Censo Escolar e, nas versões de 2009 e 2012, abrange os estudantes, majoritariamente, na faixa etária de 13 a 15 anos do 9º ano (antiga 8ª série) do ensino fundamental. Já no ano de 2015, os estudantes foram separados em duas amostras. Na primeira estão contidos os estudantes do 9º ano e na segunda, a amostra torna-se mais abrangente englobando estudantes de 13 a 17 anos que compreendem do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio. Quanto à abrangência geográfica, a versão de 2009 apenas as escolas dos municípios das capitais e Distrito Federal. Em 2012, o estudo passou a abranger as Grandes Regiões e, em 2015, a ampliação da abrangência permitiu desagregar seus dados a nível de Unidades da Federação.

Para obter comparabilidade entre as edições da pesquisa, optou-se por restringir a amostra das três versões para os estudantes do 9º ano na faixa etária dos 13 a 19 anos nos municípios das capitais e Distrito Federal. Dado que o objetivo deste enfoque é enfatizar o quadro de Fortaleza, a Tabela 1 a

seguir apresenta a caracterização da amostra utilizada no estudo. Não obstante, para os municípios das capitais brasileiras, foram verificados 60.160 estudantes em 2009, sendo 52,5% estudantes do sexo feminino e 47,5% do sexo masculino, além de 20,8% pertencentes a escolas públicas e 79,3% a escolas privadas. Ainda em 2009, a amostra possui 20.202 estudantes nordestinos, dos quais 54,7% são do sexo feminino e 26,3% de escolas públicas. Em 2012, passaram a ser 108.245 estudantes brasileiros entrevistados dos quais 52,1% eram do sexo feminino e 82,9% estudavam em escolas públicas. Nos municípios das capitais nordestinas, eram 21.679 estudantes sendo que destes 52,8% eram do sexo feminino e 67,2% de escolas públicas. Já em 2015, a amostra de estudantes brasileiros reduziu-se a 100.021 estudantes dos quais 51,3% eram meninas e 85,46% estudavam em escolas públicas. E no Nordeste, a amostra aumentou para 35.799 estudantes dos quais 53,7% eram do sexo feminino e 84,81% eram de escolas públicas.

É possível observar que, nos três anos, a amostra dos municípios de Fortaleza é composta majoritariamente por estudantes do sexo feminino. Além disto, a população amostral gira em torno dos 14 anos de idade, dado que, se o aluno não apresentar distorção ano/série, com tal idade deveria estar no 9º ano. A participação das escolas públicas que antes era de apenas 30%, passou a ter uma participação cada vez maior na amostra chegando a compor, em 2015, 67,1% da amostra.

Tabela 1: Tabela descritiva da amostra para Fortaleza

Amostra dos municípios de Fortaleza	2009	2012	2015
Média de Idade	14,16	14,40	14,35
Desvio Padrão	1,02	1,06	1,04
Média da variável sexo²	0,53	0,52	0,51
Desvio Padrão	0,49	0,49	0,50
Média da variável dependência administrativa	0,30	0,57	0,67
Desvio Padrão	0,45	0,49	0,46
Total de Estudantes	2.246	2.257	1.636

Fonte: PeNSE/IBGE. Elaboração: IPECE.

2. Panorama Geral de 2015

Este informe atenta-se para os fatores de risco à saúde do estudante, mais especificamente, quanto ao consumo de álcool, cigarro e drogas ilícitas. Sendo assim, estabelece-se um panorama sobre os principais resultados destes fatores no Brasil, Nordeste e Fortaleza para o ano de 2015.

De acordo com a Tabela 2 abaixo, Fortaleza destaca-se por possuir uma proporção de jovens que afirmaram já haver experimentado cigarro (20%), bem como drogas ilícitas (9,8%). Esse fenômeno

² Para o cálculo tanto da variável sexo, quanto a variável relacionada à dependência administrativa, foram utilizadas variáveis binárias que assumem valor 1, caso o sexo seja feminino (e 1, caso a dependência administrativa seja pública). Sendo assim, as médias encontradas apontam para a proporção do sexo feminino e de escolas públicas na região especificada.

ocorre especialmente em escolas públicas (24,6% e 12,6%, respectivamente). Para a característica gênero, também se destacam os adolescentes do sexo masculino (22,8% para cigarros e 12% para drogas ilícitas), cujas prevalências de experiência com cigarro e com respeito à droga ilícita são maiores do que a média nacional e regional.

De uma maneira geral, quanto à idade média de início ao consumo destas substâncias nocivas, observa-se uma idade de experimentação entre as faixas etárias entre os 12 e 14 anos de idade. Em Fortaleza, a idade média da primeira experiência com cigarro ou álcool está próxima aos 13 anos de idade, enquanto a idade média da primeira experiência com droga ilícita está próxima dos 14 anos de idade.

Tabela 2: Proporção de estudantes em 2015 quanto ao consumo de drogas ilícitas, cigarro e álcool no Brasil, Nordeste e Fortaleza de acordo com a dependência administrativa e sexo.

		Brasil			Nordeste			Fortaleza		
		Cigarro	Álcool	Drogas Ilícitas	Cigarro	Álcool	Drogas Ilícitas	Cigarro	Álcool	Drogas Ilícitas
Estudantes que já tiveram alguma experiência	Geral	18,4%	53,2%	8,9%	14,2%	48,5%	5,1%	20,0%	48,7%	9,8%
	Esc. Pública	19,4%	53,9%	9,3%	15,1%	48,8%	5,3%	24,6%	52,2%	12,6%
	Esc. Privada	12,6%	48,9%	6,8%	9,3%	47,1%	4,3%	10,7%	41,5%	4,0%
	Meninas	17,4%	54,2%	8,5%	12,5%	48,9%	4,4%	17,4%	48,6%	7,7%
	Meninos	19,4%	52,0%	9,4%	16,2%	48,0%	6,0%	22,8%	48,8%	12,0%
Idade média de início ao consumo	Geral	12,6	12,8	13,5	12,8	13,1	13,7	12,7	13,0	13,7
	Esc. Pública	12,5	12,8	13,5	12,8	13,2	13,8	12,8	13,2	14,0
	Esc. Privada	12,8	12,5	13,3	12,4	12,5	13,2	12,3	12,6	12,6
	Meninas	12,6	12,8	13,5	12,7	13,1	13,8	12,7	12,9	13,7
	Meninos	12,5	12,8	13,4	12,8	13,1	13,6	12,8	13,2	13,8
Consumo de 10 dias ou mais nos últimos 30 dias	Geral	6,4	5,5	10,0	5,4	4,7	9,6	4,7	3,8	11,9
	Esc. Pública	6,4	5,7	10,0	5,4	5,0	9,7	4,6	4,0	12,6
	Esc. Privada	5,8	4,4	9,5	5,9	3,3	8,7	5,0	3,3	8,0
	Meninas	6,0	5,4	8,7	4,8	4,1	9,0	5,3	3,0	11,9
	Meninos	6,7	5,7	11,1	5,9	5,4	10,0	4,2	4,7	12,0

Fonte: PeNSE/IBGE. Elaboração: IPECE.

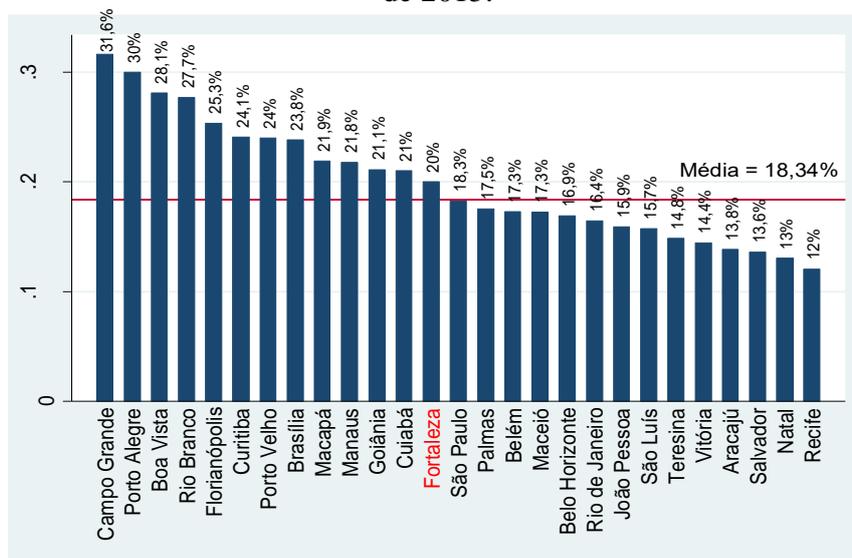
Ao analisar a intensidade com que o jovem consome estas substâncias prejudiciais à saúde, observa-se a preocupante situação de Fortaleza quanto à intensidade de consumo de drogas ilícitas, pois, exceto para as escolas privadas, todas as demais características apresentaram a maior prevalência de consumo intenso de entorpecentes.³ Nas escolas públicas, quase 13% dos estudantes consumiram drogas ilícitas em pelo menos 10 dias nos últimos 30 dias anteriores a data da entrevista, estando 2,5 p.p. acima da prevalência para o Brasil e 2,9 p.p. acima da média do Nordeste.

³ Utiliza-se como indicador que representa o consumo de maneira intensa, a proporção de jovens que afirmou ter um consumo do entorpecente analisado em 10 ou mais vezes nos últimos 30 dias anteriores à aplicação da pesquisa.

3. Tabagismo

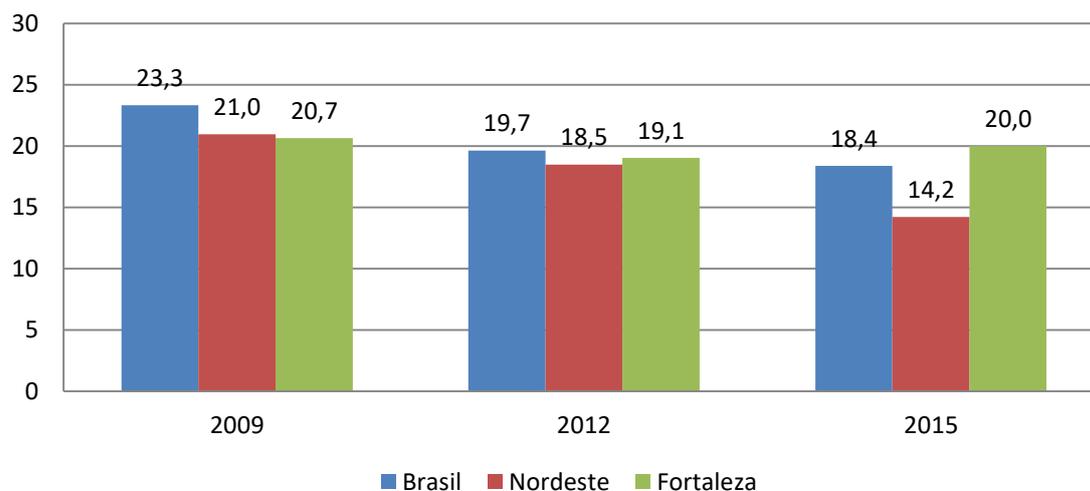
De acordo com o Gráfico 1, é possível observar que, quando se trata de experiência com cigarro em 2015, Fortaleza ocupa o 13º lugar no ranking dos municípios das capitais (com um percentual de 20% do estudantes que já experimentaram cigarro), ficando 1,7 p.p. acima da média brasileira (18,3%). Distanciando-se assim das demais capitais do Nordeste que demonstraram ficar abaixo da média brasileira, sendo Recife a capital com o menor índice de experiência com cigarro entre os estudantes (12%).

Gráfico 1: Ranking dos municípios das capitais de acordo com a experiência com fumo para o ano de 2015.



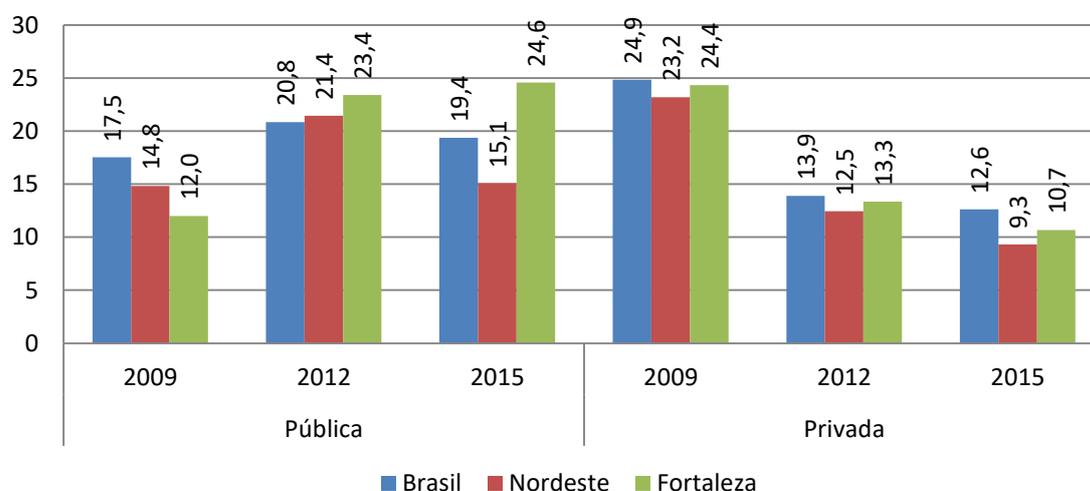
Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Ao analisar a variação do consumo de cigarro entre os estudantes ao longo do tempo, constata-se que, de acordo com o Gráfico 2, enquanto em 2009 20,7% dos estudantes afirmaram já haver experimentado cigarro em Fortaleza, em 2012 houve uma redução de um pouco mais de 1 p.p (passando para 19%), porém aumentando novamente para 20% em 2015. Esta variação destaca-se da variação do Brasil e Nordeste, pois ambas foram negativas. Ou seja, em 2015, Fortaleza apresentou o maior percentual de jovens que já experimentaram cigarro no 9º ano. Uma diferença de 1,6 p.p quando comparado ao percentual de jovens brasileiros, e 5,8 p.p com o percentual dos municípios das capitais nordestinas.

Gráfico 2: Prevalência da experiência com cigarro para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

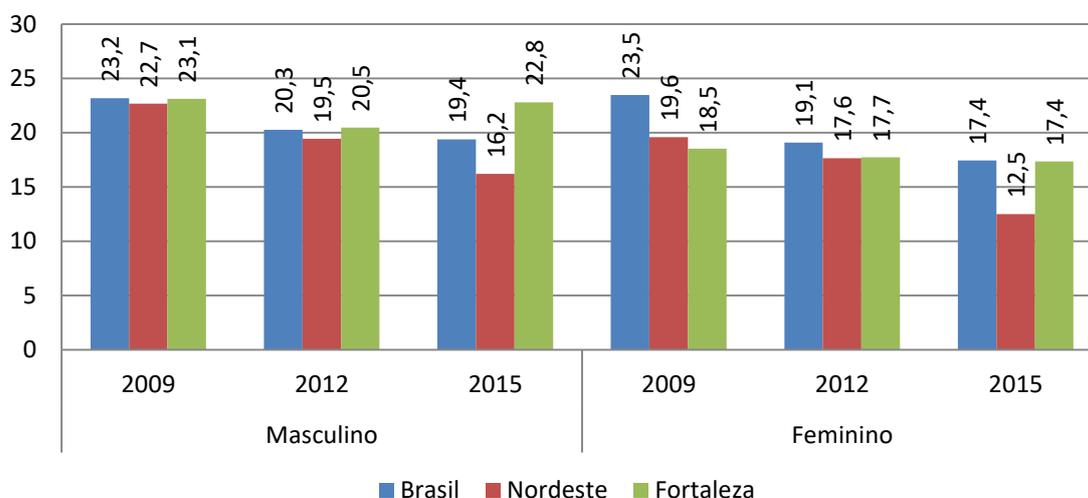
O Gráfico 3 ilustra o consumo de cigarro entre os estudantes de acordo com a dependência administrativa. Assim, enquanto a proporção de jovens estudantes de escolas privadas que afirmaram haver experimentado a substância em Fortaleza sofreu uma queda de 2009 a 2015 (passando de 24,4% dos estudantes para 10,7%). Esta mesma proporção em escolas públicas mais do que dobrou, apresentando uma variação de 12,6 p.p e chegando a atingir o patamar de um quarto dos estudantes. Em 2009, a prevalência de experiência com cigarro nas escolas públicas de Fortaleza apresentava prevalência abaixo da média regional e nacional, mas superou tais valores em 2015 apresentando uma diferença de 9,5 p.p e 5,2 p.p com respeito ao Nordeste e o Brasil, respectivamente.

Gráfico 3: Prevalência da experiência com cigarro por dependência administrativa para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Quanto à experimentação de cigarro entre o gênero feminino do 9º ano dos municípios de Fortaleza, percebe-se pelo Gráfico 4, que houve uma pequena redução nesta proporção, chegando a atingir o percentual de 17,4% em 2015, ficando 0,9 p.p abaixo do nível brasileiro e 5,3 p.p acima do nível dos municípios das capitais do Nordeste. Já entre o gênero masculino, o Brasil e o Nordeste apresentaram uma queda de 2009 a 2015 (onde o Nordeste apresentou a maior variação), enquanto Fortaleza apresentou uma oscilação desta prevalência, chegando a 22,8% (a maior porcentagem de 2015 quando comparada ao Brasil e ao Nordeste).

Gráfico 4: Experiência com cigarro por gênero para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Uma vez analisada a experiência do estudante, resta agora analisar a intensidade do consumo do cigarro, pois, mesmo que o jovem já tenha experimentado alguma vez em sua vida, é a intensidade do consumo que determinará a gravidade do impacto sobre sua saúde.

Assim sendo, o consumo diário nas escolas públicas em Fortaleza apresentou uma variação negativa quando analisado o período de 2009 a 2015 (uma redução de 2,4% para 1,6%, ou seja, obteve uma variação de 0,7 p.p). Não obstante, a proporção de estudantes que não fumaram em nenhuma dia nos últimos 30 dias referente à data da entrevista também aumentou no período analisado, saindo de 84,3% em 2009 para 71,7% em 2015. Percebe-se na Tabela 3 que o consumo eventual de 1 a 9 dias cresceu substancialmente em Fortaleza, saindo de aproximadamente 12% em 2009 para 24% em 2015. Estudantes de escolas públicas de Fortaleza apresentavam prevalência inferior ao Nordeste em 2009, ultrapassando a média regional em 2015. O mesmo ocorre com o consumo eventual entre 10 e 29 dias, o qual salta de 1,4% em 2009 para 3% em 2015.

Quando comparada esta proporção a nível geral com o Brasil e Nordeste, Fortaleza apresenta o maior percentual de estudantes que não fumaram nos últimos 30 dias, ainda que esse percentual tenha sofrido uma pequena redução (passando de 74,5% para 73,6% em 2015).

Tabela 3: Frequência de consumo de cigarro em intervalos de dias (últimos 30 dias) para Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

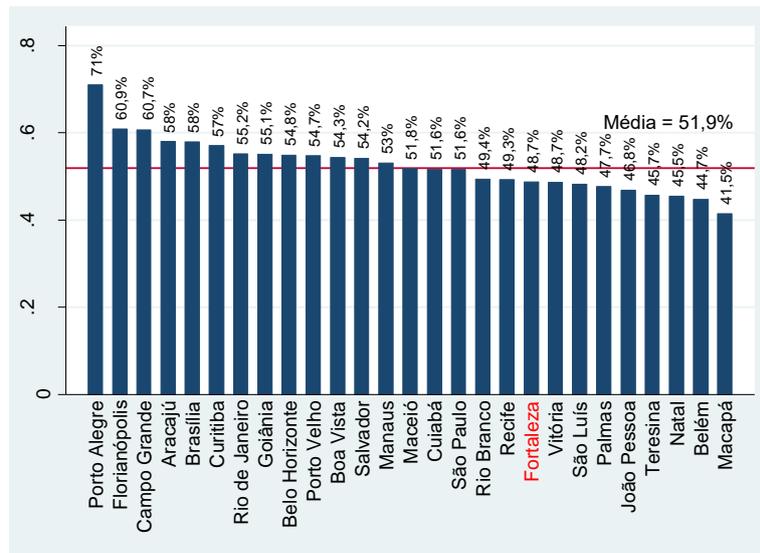
Frequência de consumo de cigarro	Total			Escolas Públicas		
	Brasil	Nordeste	Fortaleza	Brasil	Nordeste	Fortaleza
2009						
Nenhum dia	68,7	71,9	74,5	66,6	74,3	84,3
1 a 9 dias	22,0	20,0	18,8	24,4	18,0	12,0
10 a 29 dias	4,5	4,0	2,4	4,9	2,4	1,4
todos os dias	4,8	4,0	4,2	4,2	5,2	2,4
2012						
Nenhum dia	70,6	73,9	73,9	70,1	74,2	75,0
1 a 9 dias	22,4	19,9	19,4	22,7	19,9	19,1
10 a 29 dias	3,4	3,4	3,6	3,3	3,3	3,9
todos os dias	3,7	2,8	3,0	3,9	2,7	2,0
2015						
Nenhum dia	69,7	72,2	73,6	69,6	71,9	71,7
1 a 9 dias	23,9	22,4	21,8	24,0	22,8	23,7
10 a 29 dias	3,2	2,4	3,1	3,2	2,3	3,0
todos os dias	3,2	3,0	1,6	3,2	3,0	1,6

Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Quanto ao consumo diário, enquanto em 2009 e 2012 esta proporção a nível geral é bem similar a do Brasil e Nordeste, em 2015 ela sofre uma queda de 2,6 p.p distanciando-se dos dois e chegando a 1,6%. Estabelecendo assim, uma diferença de 1,6 p.p com o percentual do Brasil e 1,4 p.p com o Nordeste. O consumo eventual de cigarro entre 1 e 9 dias, considerando estudantes de escolas públicas e privadas, foi o que mais cresceu em Fortaleza no período analisado, saindo de 18,8% em 2009 para 21,8% em 2015.

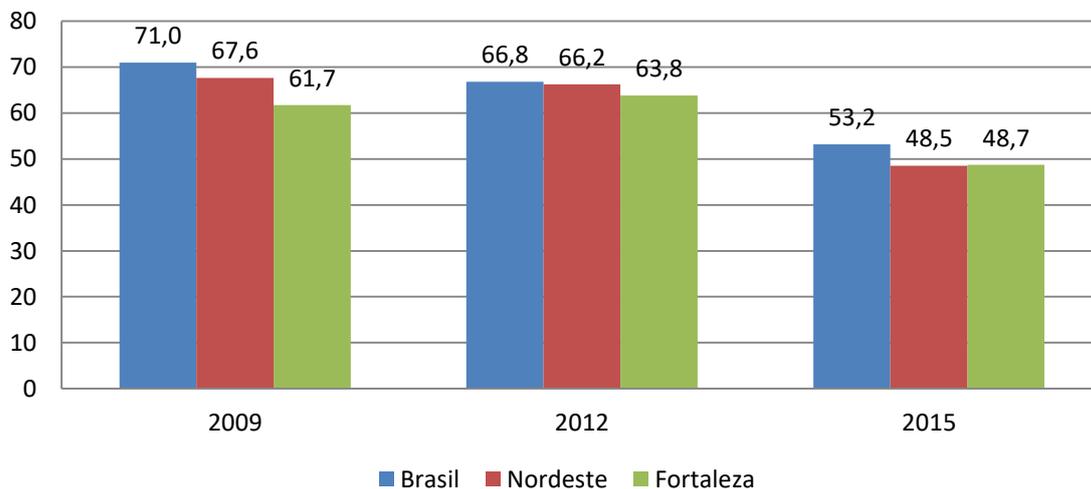
4. Consumo de Álcool

O ranking dos municípios das capitais brasileiras quanto à experiência com álcool entre os jovens para o ano de 2015 apresenta um quadro preocupante quanto a este fator de risco: mais da metade dos jovens brasileiros já teve alguma experiência com álcool, isto é, aproximadamente 52%. Em tal ranking, o primeiro lugar é ocupado por Porto Alegre com o percentual de 71% dos estudantes, Fortaleza ocupa a 19ª posição com 48,7%, ou seja, 3,2 p.p abaixo da média brasileira e Macapá o último lugar com um percentual de 41,5% de seus estudantes.

Gráfico 5: Ranking dos municípios das capitais de acordo com a experiência com álcool para o ano de 2015.

Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

O Gráfico 6 expressa a proporção de estudantes que afirmaram já haver experimentado uma dose alcóolica.⁴Tanto para o Brasil, quanto para o Nordeste e Fortaleza, pode-se observar que tal proporção sofreu uma queda no período analisado. Fortaleza apresentou a menor redução entre as regiões analisadas de 13 p.p, passando de 61,7% dos estudantes em 2009, para 48,7% em 2015.

Gráfico 6: Prevalência da experiência com álcool para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

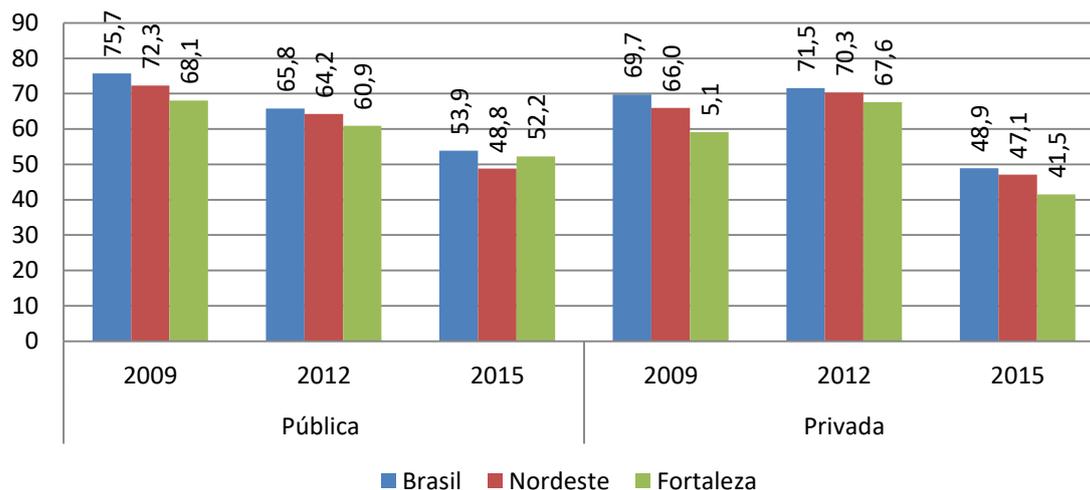
Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Quanto à experiência com álcool de acordo com a dependência administrativa, a proporção destes estudantes matriculados em escolas públicas dos municípios de Fortaleza teve uma redução de

⁴ De acordo com o IBGE, uma dose, ou copo, de bebida alcóolica equivale a uma lata de cerveja, taça de vinho, dose de cachaça ou uísque, etc...

15,8 p.p, passando de 68,1% em 2009, a 52,24% em 2015, apresentando a menor variação quando comparada ao Brasil e Nordeste (variações estas de 20,8p.p e 18,9 p.p, respectivamente). Já para as escolas privadas, é possível observar que esta mesma proporção passou por um aumento em 2012, atingindo o patamar de 67,6% em Fortaleza, e em seguida sofreu uma queda para 41,5% chegando a menor proporção entre as regiões analisadas.

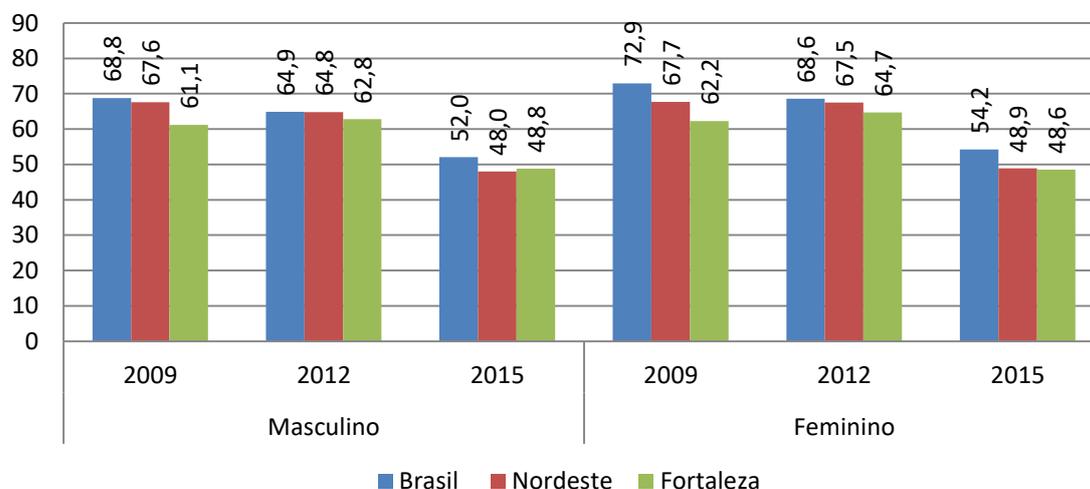
Gráfico 7: Prevalência da experiência com álcool por dependência administrativa para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

O Gráfico 8 expressa a proporção de estudantes que já tiveram alguma experiência com álcool de acordo com o gênero. É possível observar que, de uma maneira geral, esta proporção entre o gênero feminino mostra-se maior do que no gênero masculino.

Gráfico 8: Prevalência da experiência com álcool por gênero para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

No entanto, especificamente para Fortaleza, tal diferença, ainda que pequena, reduziu-se ao longo do período analisado tanto entre estudantes do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Vale salientar que as diferenças nas prevalências entre estudantes do sexo masculino e feminino não são substanciais em Fortaleza. Além disso, Fortaleza apresenta valores abaixo da média regional e nacional.

A Tabela 4, por sua vez, indica a proporção de estudantes com relação à frequência de consumo álcool em intervalos de dias nos últimos 30 dias anteriores à aplicação do questionário da pesquisa.

Tabela 4: Frequência de consumo de álcool em intervalos de dias (últimos 30 dias) para Brasil, Nordeste e Fortaleza– 2009, 2012 e 2015 (%)

Frequência de consumo de álcool	Total			Escolas Públicas		
	Brasil	Nordeste	Fortaleza	Brasil	Nordeste	Fortaleza
2009						
Nenhum dia	72,6	75,2	81,7	70,4	75,3	81,3
1 a 9 dias	23,9	21,7	16,6	26,5	21,7	17,1
10 a 29 dias	2,8	2,5	1,3	2,6	2,4	1,4
todos os dias	0,8	0,7	0,4	0,5	0,6	0,3
2012						
Nenhum dia	73,8	77,1	82,5	73,2	75,7	81,5
1 a 9 dias	22,9	20,0	15,4	23,5	21,2	16,8
10 a 29 dias	2,7	2,5	1,8	2,8	2,7	1,5
todos os dias	0,6	0,4	0,2	0,6	0,5	0,2
2015						
Nenhum dia	57,3	59,5	63,8	57,1	58,5	60,0
1 a 9 dias	37,3	35,7	32,3	37,3	36,5	35,9
10 a 29 dias	4,5	3,9	3,1	4,7	4,1	3,3
todos os dias	1,0	0,9	0,8	1,0	0,9	0,8

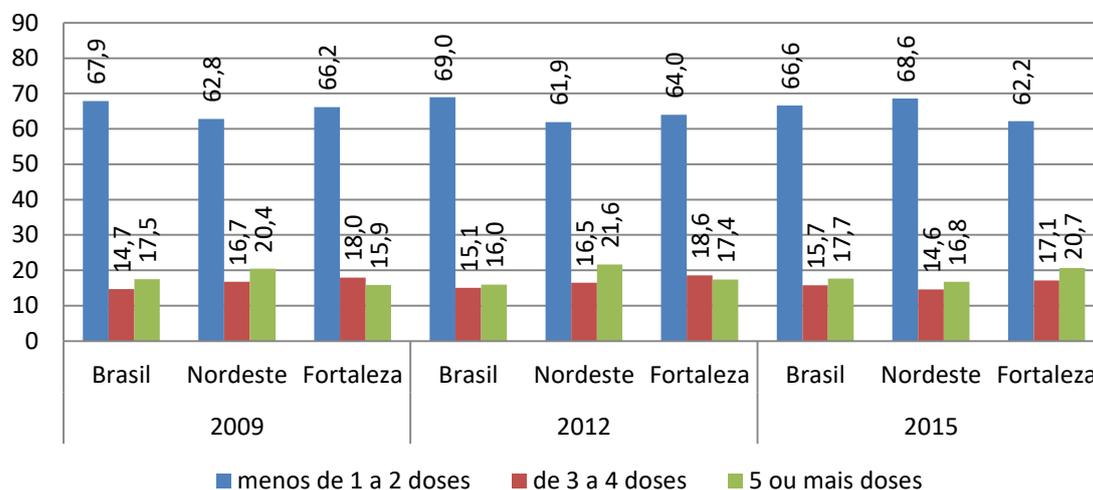
Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Entre estudantes de escolas públicas que já experimentaram bebidas alcoólicas, 81% reportaram não consumir bebida alcoólica em nenhum dia em 2009, e aproximadamente 82% em 2012. Esse percentual cai para 60% em 2015, pois houve um crescimento substancial do consumo eventual de álcool. O consumo eventual entre estudantes de escolas públicas no intervalo de 1 a 9 dias saltou de 17% em 2009, para 36% em 2015. O consumo diário, embora represente a menor fração dos estudantes, também cresceu no período. Essas mudanças são observadas ao considerar tanto estudantes de escolas públicas, quanto estudantes de escolas privadas. Ademais, essa maior intensidade do consumo entre estudantes que já experimentaram álcool também é observado para o Nordeste e Brasil.

Outra forma de analisar a intensidade do consumo de álcool entre estudantes é verificar a prevalência com respeito ao número de doses de bebida alcoólica ingerida nos últimos 30 dias com respeito à data da entrevista. O Gráfico 9 mostra que a proporção de estudantes que consumiram 5 ou mais doses nos últimos 30 dias saltou de 16% em 2009 para, aproximadamente, 21% em 2015. Comparando os resultados nos Gráficos 8 e 9, conclui-se que muito embora tenha havido uma redução

na prevalência da experiência com álcool (ver Gráfico 8), houve uma tendência de crescimento da intensidade de consumo entre aqueles estudantes que já haviam experimentado bebidas alcoólicas (Gráfico 9).

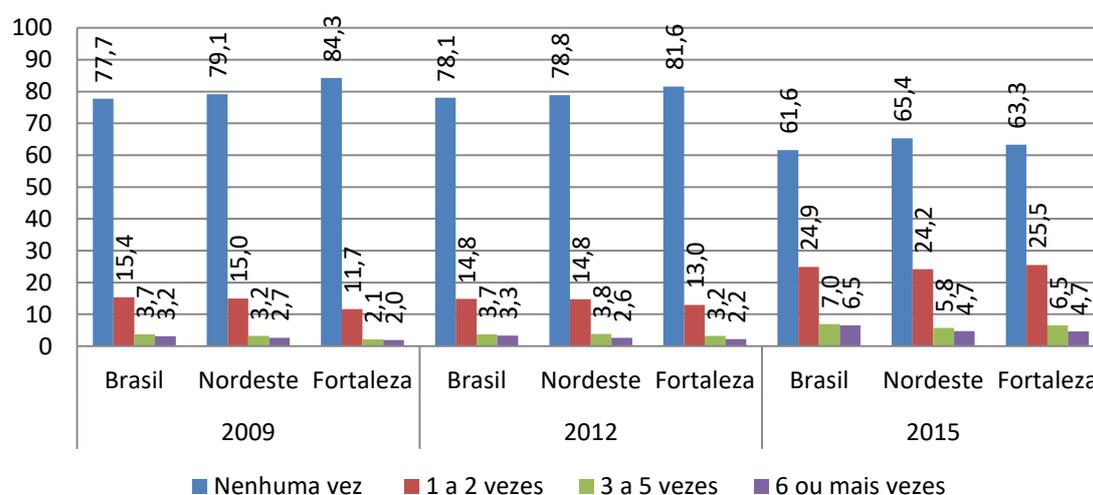
Gráfico 9: Intensidade de consumo de álcool em intervalo de doses ingeridas (últimos 30 dias) para Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Outro aspecto relevante do comportamento de risco à saúde dos estudantes refere-se à frequência com que tais jovens experimentaram o estado de embriaguez decorrente do consumo excivo de bebidas alcoólicas. O Gráfico 10 mostra que a proporção de estudantes de Fortaleza que nunca se embriagaram, embora já tenham consumido álcool, caiu de 84,3% em 2009 para 63,3% em 2015.

Gráfico 10: Frequência d embriaguezes entre estudantes para Fortaleza, Nordeste e Brasil– 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

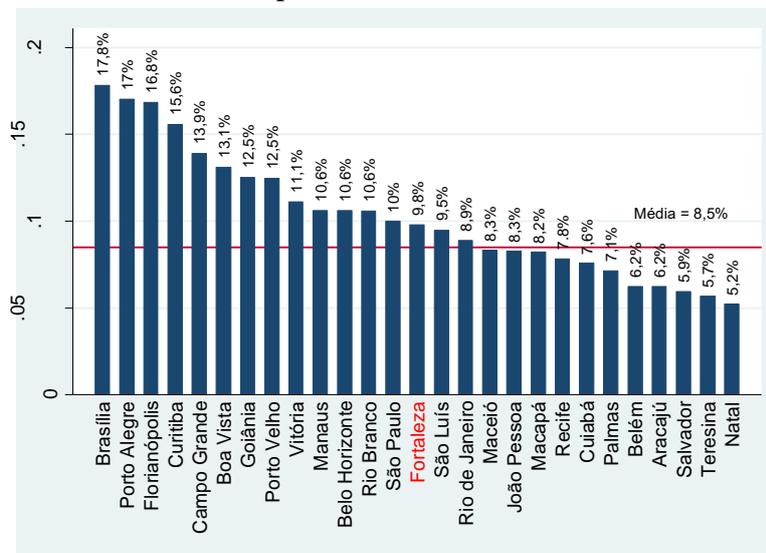
Por outro lado, a proporção de estudantes que já experimentaram a embriaguez de 1 a 2 vezes saltou de aproximadamente 12% para 25,5% no período analisado. Para aqueles estudantes que experimentaram a embriaguez ao menos 3 vezes (soma-se os valores dos intervalos 3 a 5 vezes, e 6 ou

mias vezes), a proporção saltou de 7,1% em 2009 para 11,2% em 2015. Vale salientar que a proporção de estudantes em Fortaleza que experimentaram ao menos um vez a embriaguez em 2015 (36,7%) supera a média regional (34,6%), mas não a média nacional (38,4%).

5. Consumo de drogas ilícitas

Quando apresentado o ranking das capitais brasileiras com relação à experiência com drogas ilícitas (maconha e crack) dos estudantes, Fortaleza aparece em 14º lugar, com um percentual de 9,8% dos estudantes que afirmaram já haver experimentado algum tipo de droga. Dessa maneira, Fortaleza estabelece uma diferença de 1,3 p.p acima da média brasileira, mantendo assim, a maior prevalência de uso de drogas entre as capitais do Nordeste em 2015. Brasília aparece como a capital com a maior prevalência de tal fator de risco (17,8% dos estudantes), enquanto Natal destaca-se por ser a capital com a menor prevalência com apenas 5,2% dos estudantes.

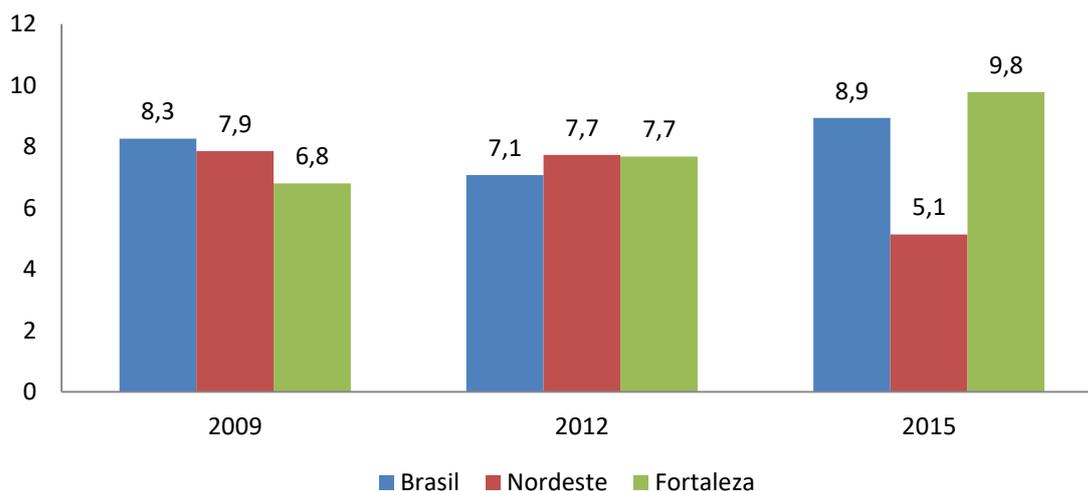
Gráfico 12: Ranking dos municípios das capitais de acordo com a experiência com drogas ilícitas para o ano de 2015



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Como ilustrado pelo Gráfico 13, em 2009, Fortaleza apresentava a menor proporção de estudantes que já tiveram alguma experiência com drogas (6,8%). Quando comparada a 2015, esta mesma sofreu um aumento de 2,98 p.p deixando a capital cearense com a maior prevalência deste fator de risco quando comparada ao Brasil e Nordeste (estabelecendo uma diferença de 0,8 p.p e 4,6 p.p, respectivamente).

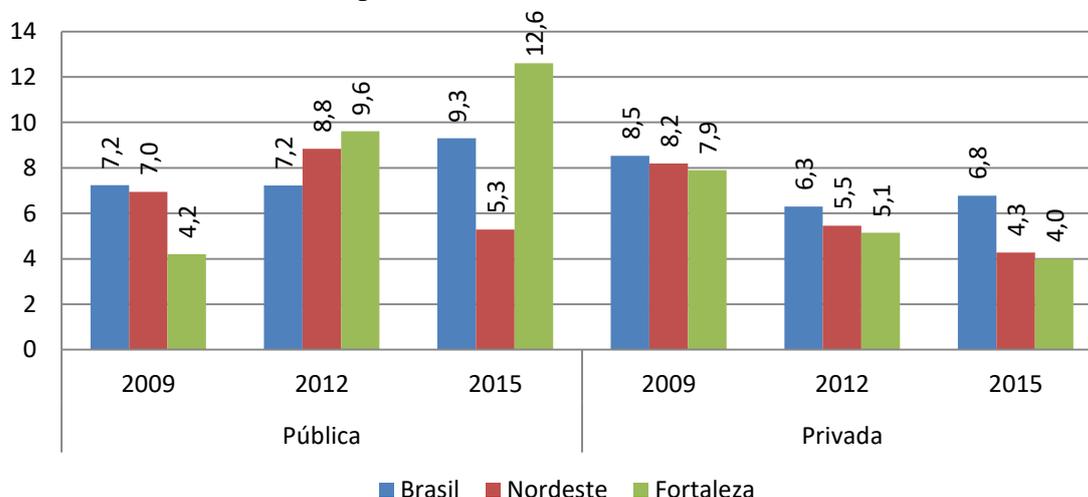
Gráfico 13: Prevalência da experiência com drogas ilícitas para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

De acordo com o Gráfico 14, observa-se que, apesar da experiência com drogas ilícitas entre os estudantes de escolas privadas de Fortaleza ter apresentado uma queda considerável no período analisado (3,9 p.p), tal prevalência entre os estudantes de escolas públicas triplicou no período considerado, ultrapassando o patamar do Nordeste em 7,3 p.p e o patamar do Brasil em 3,3 p.p. em 2015.

Gráfico 14: Prevalência da experiência com drogas ilícitas de acordo com a dependência administrativa das escolas para Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

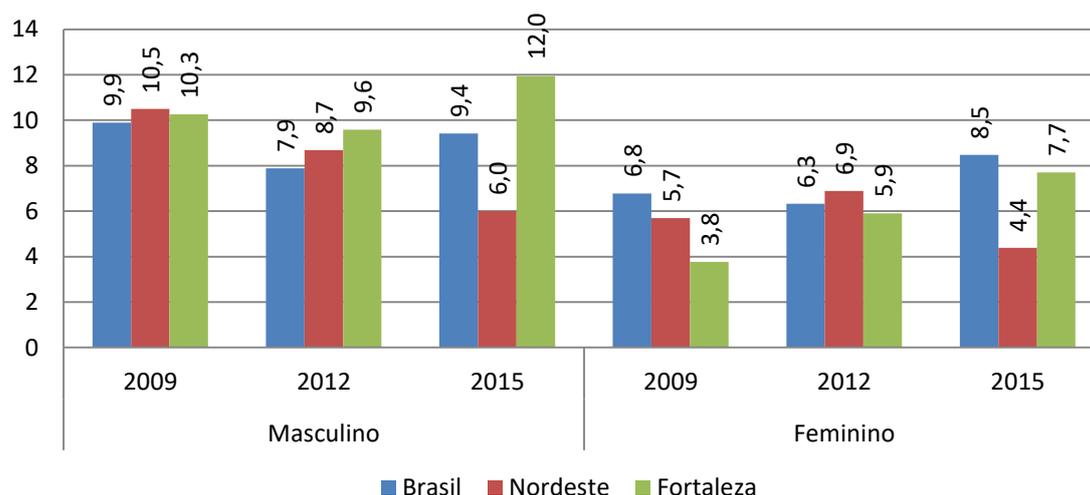


Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Ademais, quando comparadas estas proporções entre as dependências administrativas, observa-se que, enquanto em 2009 as escolas públicas possuíam uma proporção menor do que as escolas privadas (uma diferença de 3,7 p.p), em 2015 esta proporção para as escolas públicas superou as escolas privadas chegando a atingir uma proporção três vezes maior (estabelecendo uma diferença de 8,6 p.p).

O Gráfico 15 exibe a prevalência do uso de drogas entre os estudantes de acordo com o gênero. Assim, é possível observar que a experimentação de tal entorpecente mostra-se maior entre o gênero masculino quando comparado ao feminino. Isto pode ser melhor observado ao destacar a diferença de 4,3 p.p entre as proporções dos dois gêneros para o ano de 2015. No entanto, ao estabelecer uma comparação entre as regiões, os estudantes do gênero masculino de Fortaleza apresentaram um aumento nesta prevalência superando o Brasil em 2,5 p.p e o Nordeste em 6 p.p (chegando a atingir o patamar de 12% em 2015). Quanto ao gênero feminino, a prevalência deste fator elevou-se em quase 4 p.p em Fortaleza, passando de 3,8% em 2009 a 7,7% em 2015). Ou seja, a tendência de crescimento na prevalência da experiência com drogas ilícitas em Fortaleza é observada tanto para estudantes do sexo masculino, quanto para o sexo feminino.

Gráfico 15: Prevalência da experiência com drogas ilícitas de acordo com o gênero para Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)



Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

De acordo com a Tabela 5, tanto de uma maneira geral, quanto especificamente para estudantes de escolas públicas, mais de 90% dos alunos afirmaram não haver consumido nenhuma droga ilícita nos últimos 30 dias antecedentes à pesquisa em 2009.

Tabela 5: Frequência de consumo de drogas ilícitas nos últimos 30 dias no geral e em escolas públicas para o Brasil, Nordeste e Fortaleza – 2009, 2012 e 2015 (%)

Frequência de consumo de drogas ilícitas	Geral			Escolas Públicas		
	Brasil	Nordeste	Fortaleza	Brasil	Nordeste	Fortaleza
2009						
Nenhuma vez	96,7	97,2	97,8	97,0	97,4	98,4
1 a 2 vezes	1,9	1,6	1,3	1,6	1,5	1,0
3 a 5 vezes	0,5	0,4	0,3	0,5	0,4	0,2
6 a 9 vezes	0,3	0,2	0,1	0,2	0,1	0,0
10 vezes ou mais	0,6	0,5	0,5	0,6	0,6	0,4

2012						
Nenhuma vez	53,8	59,7	61,1	54,1	59,6	57,8
1 a 2 vezes	24,4	20,9	21,0	23,9	22,0	27,3
3 a 5 vezes	8,3	6,6	2,7	8,4	6,4	2,4
6 a 9 vezes	3,8	4,5	3,2	3,8	4,9	2,8
10 vezes ou mais	9,7	8,3	12,1	9,9	7,1	9,7
2015						
Nenhuma vez	53,8	56,4	54,7	54,3	56,8	54,0
1 a 2 vezes	23,1	22,5	24,6	22,8	22,3	25,4
3 a 5 vezes	8,7	7,4	3,9	8,5	7,1	3,8
6 a 9 vezes	4,5	4,2	4,9	4,4	4,1	4,3
10 vezes ou mais	10,0	9,6	11,9	10,0	9,7	12,6

Fonte: IBGE/ PeNSE Elaboração: IPECE

Ao comparar com 2015, tal percentual reduziu-se a quase metade dos estudantes, mais especificamente, a 54,7% quando analisado para os municípios de Fortaleza. Quanto à frequência de consumo de 1 a 9 vezes, percebe-se que, enquanto em 2009 o consumo era reduzido a menos de 2% para Fortaleza, o consumo nesta frequência elevou-se para 33,4% dos estudantes em 2015. Já para o consumo mais intenso (de 10 vezes ou mais), Fortaleza obteve o maior percentual quando comparada ao Brasil e Nordeste, atingindo o percentual de 11,9% para o nível geral e 12,6% para as escolas públicas. Essa evidência corrobora o grande aumento no consumo de drogas ilícitas entre os estudantes de escolas públicas de Fortaleza no período analisado.

6. Considerações Finais

O objetivo deste estudo consistiu em apresentar um quadro geral sobre comportamentos de risco específicos entre adolescentes associados ao consumo de álcool, cigarro e drogas ilícitas (machonha e crack). Tais comportamentos foram analisados através da experimentação, frequência e intensidade de consumo destes entorpecentes entre os estudantes do 9º ano do ensino fundamental para o município de Fortaleza, Nordeste e Brasil.

Verificou-se que Fortaleza possui uma taxa de prevalência da experiência com cigarro acima da média nacional, e que tal prevalência cresceu 12.6 p.p no período de 2009 a 2015 entre estudantes de escolas pública. Por outro lado, a prevalência da experiência com cigarro caiu 13.7 p.p entre estudantes da rede privada de ensino. Quanto à prevalência associada à experiência com bebida alcoólica, observa-se Fortaleza com taxas inferiores à media nacional e regional e com tendência de queda ao longo do tempo. No entanto, a intensidade do consumo de álcool entre estudantes que já experimentaram tal substância cresceu substancialmente entre 2009 e 2015. Consequentemente, a prevalência de estudantes que tiveram experiência com embriaguez também cresceu no mesmo período.

Finalmente, observa-se que Fortaleza possui a mais alta prevalência de experiência de estudante com drogas ilícitas (maconha e crack) no Nordeste, estando acima da média nacional. Essa prevalência cresceu mais do que triplicou entre 2009 e 2015, especialmente em escolas públicas da capital cearense. Enquanto isso, a prevalência em escolas privadas se mostrou decrescente no mesmo período. Além disso, crescimento da experiência com drogas ilícitas não é observado exclusivamente entre os estudantes do sexo masculino, pois as estudantes do sexo feminino também passaram a experimentar mais a maconha e o crack. Como esperado, observou-se também um aumento da frequência do consumo entre os estudantes de Fortaleza que já haviam experimentado tais substâncias entorpecentes.

Essas evidências mostram que os estudantes de Fortaleza exibem um considerável grau de exposição ao comportamento de risco à saúde, especialmente os estudante de escolas públicas. A experiência com tabagismo e drogas ilícitas sugerem que intervenções nas escolas públicas, que tenham como foco a mudança do comportamento do jovem, devem ser priorizadas no governos municipais e governo estadual.

7. Referências Bibliográficas

- CARVALHO MALTA, Deborah et al. Prevalência de fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), Brasil, 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, 2010.
- ELICKSON, P. L.; TUCKER, J. S.; KLEIN, D. J. High-risk behaviors associated with early smoking: results from a 5-year follow-up. **Journal of Adolescent Health**, v. 28, n. 6, p. 465-473, 2001.
- KESSLER, Felix Henrique Paim; PECHANSKY, Flavio. Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Vol. 30, n. 2 (maio/ago. 2008), p. 96-98**, 2008.
- LAMPREIA, Sarah et al. Tabagismo no Brasil: Estimação das elasticidades preço e renda na participação e na demanda por cigarros industrializados. 2015.
- SETTERTOBULTE, Wolfgang et al. Drinking among young Europeans. 2001.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION; WORLD HEALTH ORGANIZATION. MANAGEMENT OF SUBSTANCE ABUSE UNIT. **Global status report on alcohol and health, 2014**. World Health Organization, 2014.

INCHLEY,Jo;CURRIE,Dorothy. Growing up unequal: gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being. Health Behaviour **in School-aged Children (HBSC) study: international report from the**, v. 2014, 2013.

GRUBER, Jonathan. **Risky behavior among youths: an economic analysis**. National Bureau of Economic Research, 2000.